



DISCURSO EM ANÁLISE: UMA REFLEXÃO SOBRE A LUTA DE CLASSES MATERIALIZADA EM DISCURSOS ACERCA DA PANDEMIA DA COVID-19

Naiara Souza da Silva¹

Mariana Jantsch de Souza²

Os discursos sobre o novo Coronavírus e seus desdobramentos têm sido massivamente (re)produzidos pelos veículos de informação e muitos sentidos circulam em diferentes processos discursivos que colocam em pauta, a nosso entender, as relações de força constitutivas de sociedades divididas em classes e organizadas a partir da exploração do trabalho, tal como a nossa.

A reflexão que apresentamos, a partir de nossa filiação teórica na Análise Materialista de Discurso nos moldes dos estudos do filósofo Michel Pêcheux, busca compreender o jogo de forças envolvido na produção e na circulação de sentidos relacionados à pandemia da Covid-19, especialmente, no que tange ao acirramento do enfrentamento entre classes. Nesse contexto, refletimos sobre o modo de atribuição de sentidos a esse acontecimento histórico. Para tanto, procuramos observar os diferentes movimentos discursivos que buscam significar a pandemia em seus variados aspectos e desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, ideológicos etc) no âmbito dos saberes representativos de uma classe social economicamente favorecida. Destacamos que este texto é continuidade de análises já realizadas e publicadas (SILVA; SOUZA, 2021a, 2021b), de forma que parte da reflexão aqui apresentada está disponível em periódicos científicos.

Do nosso arquivo, selecionamos duas sequências discursivas que entendemos representativas de uma formação discursiva dos empregadores/empresários. A primeira, constitui-se de um recorte de uma prática discursiva produzida em um grupo privado de *WhatsApp* que vazou e repercutiu em diversos meios de comunicação. Trata-se de uma fala de Roberto Justus em resposta a Marcos Mion, ambos apresentadores de televisão na *RecordTv* na época. Tal fato aconteceu ainda no início da pandemia em 23 de março de 2020. A segunda sequência discursiva constitui-se de um recorte de uma fala do empresário Junior Durski em vídeo publicado em sua conta pessoal em uma rede social, em 24 de março de 2020. Assim como na primeira sequência, a discursividade produzida em uma conta privada repercutiu em diversos meios de comunicação e nas redes sociais. Por isso, pontuamos que, embora tenham sido produzidos em contextos privados, os enunciados utilizados nesta pesquisa foram coletados na internet, em sítios eletrônicos de meios de comunicação, de modo que estão num espaço (virtual) de domínio público, ou seja, de livre acesso.

¹ Doutora em Letras (UFPel, 2019), UFPel, e-mail: naiaraa_souza@hotmail.com.

² Doutora em Letras (UCPel, 2017), IFSul, câmpus Venâncio Aires, e-mail: marianasouza@ifsul.edu.br.

Vejamos as seqüências discursivas:

SD1: “[...] **Você** está preocupado com os **mais pobres**? **Você** vai ver a **vida devastada da humanidade** na hora do **colapso econômico, da recessão mundial, dos pobres** não terem o que comer, **das empresas** fecharem, do **desemprego** em massa, não dá pra comparar com um **víruzinho** que é uma **gripezinha** leve pra 90% das pessoas, não dá pra comparar com esse **desastre** que vai ser. [...] Na pessoa saudável, zero, e **os pobres não são todos doentes**. Na favela não vai acontecer porra nenhuma **se entrar o vírus**, pelo contrário. **Criança então, zero a dez nenhum caso. Isso não é grave, grave vai ser a recessão global** como nunca vista na história, nem no crash de 29 [...]” (PADIGLIONE, 2020, grifos nossos).

SD2: “[...] sou totalmente contrário a esse *lockdown* [...] O **Brasil** não pode parar dessa maneira, **o Brasil não aguenta, tem que ter trabalho, as pessoas têm que produzir, têm que trabalhar**. O **Brasil não tem essa condição de ficar parado assim**. As consequências que **nós** vamos ter economicamente no futuro vão ser muito maiores do que as pessoas que vão morrer agora com o coronavírus. [...] **Nós** não podemos por conta de **5 mil pessoas, 7 mil pessoas que vão morrer**, eu sei que é muito grave, eu sei que isso é um problema, **mas muito mais grave** é o que já acontece no Brasil [...]” (CORONA VÍRUS, 2020, Correio Braziliense, grifos nossos).

Conforme nosso recorte analítico, tais dizeres são representativas de um processo discurso que se relaciona à determinada classe social, precisamente, uma classe privilegiada no sistema de produção capitalista em que vivemos, cujos efeitos de sentido textualizam, a nosso ver, seus interesses em contraposição aos interesses de outras classes. E, por isso, esse discurso movimenta-se numa direção de manutenção das relações sociais de desigualdade-subordinação.

Observamos nosso arquivo e atentamos para as regularidades dessas práticas discursivas representativas de um modo específico de significar a crise sanitária, os riscos coletivos e a gravidade social desse contexto inédito em nossa história recente. Nesse sentido, com amparo em Orlandi (2007, p. 29, grifos nossos), salientamos que “para compreendermos o funcionamento do discurso, isto é, para *explicarmos as suas regularidades*, é preciso *fazer intervir a relação com a exterioridade*, ou seja, *comprendermos a sua historicidade*, pois o repetível a nível do discurso é histórico e não formal”.

Para o desenvolvimento dessas reflexões, tomamos como questões norteadoras do nosso trabalho analítico, as seguintes: como os discursos construídos em relação à pandemia do novo Coronavírus evidenciam uma estrutura social desigual? Como os sentidos produzidos acerca da Covid-19 reforçam e naturalizam as relações de classe estruturantes da nossa sociedade? Quais efeitos de sentido são (re)produzidos pela/na língua no discurso selecionado para análise?

Partimos do entendimento de que a materialidade da língua não nos garante o acesso a sua ordem, por isso, é fundamental fazermos intervir a história e a ideologia para dar conta da compreensão dos efeitos de sentido. Assim, é com o reconhecimento da historicidade que podemos pensar no funcionamento da ideologia, sendo a interpretação necessária para que compreendamos os processos discursivos. Salientamos que o discurso analisado materializa o antagonismo entre as posições-sujeito representadas pelo sujeito enunciador e pelo sujeito outro.

Essa é a proposta do presente texto, somando-se a todos os colegas que se unem no afeto, na resistência e na *práxis* teórica por meio de gestos de leitura e interpretação de sentidos que se movem na (in)visibilidade das práticas cotidianas nesse cenário público de crise sanitária – sentidos esses que fazem girar o motor da ideologia tal como nos propõe Pêcheux ([1990] 2010). Cabe salientar que, neste texto,

optamos por enfatizar a análise da SD2, em razão da brevidade desta publicação e do fato de as análises da SD1 já terem sido publicadas, conforme já referido.

Pelo gesto de leitura empreendido, acreditamos necessário retomarmos, inicialmente, que os processos discursivos não têm origem no sujeito enunciador, mas na Formação Discursiva (FD) com a qual esse sujeito se identifica, pois, é a FD “determinada pelo estado da luta de classes, [que] determina o que pode e deve ser dito” [acréscimo nosso] (PÊCHEUX, [1988] 2009, p. 147), numa conjuntura dada.

Ao tomar uma posição, então, o sujeito enunciador relaciona-se com a Formação Discursiva que, neste caso, acreditamos ser representativa de saberes e interesses do âmbito empresarial (dos detentores dos meios de produção no sistema capitalista); e, nas possibilidades do dizer, mobiliza, no interior dessa FD, alguns sentidos, um enunciado dizível, com o qual estrutura a sequência discursiva, (re)produzindo sentidos “x” com respeito à Covid-19 através de sua identificação. Isto quer dizer, a nosso ver, que os sentidos construídos acerca do novo Coronavírus pelo sujeito em questão, funcionam de maneira a reforçar e naturalizar as relações de classe estruturantes da nossa sociedade a partir da sua posição enquanto sujeito enunciador.

Voltando-nos para nosso objeto simbólico, destacamos a referência ao Brasil de forma generalizada e homogeneizante - “O **Brasil** não pode parar dessa maneira” (SD2, grifos nossos) - e questionamos: que Brasil seria esse? Trata-se do Brasil de quem? De todos os brasileiros igualmente e generalizadamente? Adiante, temos pistas linguísticas que podem nos indicar algumas possibilidades de respostas: “o **Brasil** não aguenta, **tem que ter trabalho, as pessoas têm que produzir, têm que trabalhar**” (SD2, grifos nossos). Observamos que no fio do discurso a referência ao Brasil começa a ser especificada: trata-se do Brasil que trabalha, que precisa produzir. Trata-se do Brasil da parcela da população que precisa ter trabalho/emprego. Trata-se de um Brasil de classe social determinada. Não é o Brasil dos sujeitos que não precisam de trabalho/emprego para (sobre)viver.

A partir desse olhar inicial, entendemos que esse discurso põe em pauta dois aspectos centrais em relação ao contexto da crise sanitária: Brasil e trabalho. Aspectos esses que se opõem diretamente à morte e coronavírus. No fio do discurso, temos os termos *trabalho*, *produzir* e *trabalhar* associados diretamente a uma parte específica do Brasil e temos a ênfase, a repetição de sentidos associados à necessidade e ao dever desses sujeitos em relação ao trabalho, à ocupação laboral (remunerada). Então, compreendemos que é atribuído a essa parcela da população o dever de manter a produção, as relações de produção.

Após essa especificação temos o seguinte: “O **Brasil não tem essa condição de ficar parado assim**”(SD2, grifos nossos). Como já observamos que se trata de uma parcela específica da população brasileira e de sua possibilidade de trabalhar ou não diante de medidas governamentais para promover períodos de isolamento social completo (*lockdown*), podemos afirmar que perpassa esse dizer a seguinte construção: o Brasil da classe trabalhadora não pode ficar parado, não existe essa possibilidade para esses sujeitos, mesmo no contexto de crise sanitária, mesmo se o trabalho colocar em risco as vidas desses sujeitos. É nessa direção de sentidos que se movimentam os saberes da rede discursiva que sustenta dizeres como este em pauta.

Os pares em oposição “Brasil e trabalho” *versus* “morte e coronavírus” são valorados diferentemente nesse processo discursivo: “**Nós** não podemos por conta de **5 mil pessoas, 7 mil pessoas que vão morrer**, eu sei que é muito grave, eu sei que isso é um problema, **mas muito mais grave**”

é o que já acontece no Brasil [...]” (SD2, grifos nossos). Novamente, a questão do trabalho (ou do não trabalhar para manter o *lockdown*) é significada como uma possibilidade (ou privilégio) que o brasileira trabalhador não pode ter, mesmo que alguns milhares de trabalhadores morram. É preferível que esses sujeitos morram (5 mil ou 7 mil!) do que parem de trabalhar e produzir.

Esse modo de significar os desdobramentos da pandemia por Covid-19 faz emergir a indiferença diante da possibilidade de morte de alguns (milhares de) brasileiros, mas não se trata de qualquer brasileiro, são sujeitos trabalhadores. Nesse processo discursivo, não trabalhar é da ordem do impossível (não possível) para os sujeitos pertencentes à classe social em pauta; enquanto que a morte é significada como sendo da ordem do possível e até do provável. É tida como uma consequência natural decorrente das condições de produção: "5 mil pessoas, 7 mil pessoas que **vão morrer**". Nesta balança em que são comparados os pares em referidos, a morte de (milhares de) brasileiros trabalhadores é menos importante; é secundária em relação à manutenção do sistema de produção.

Em seguida, observamos duas ocorrências do pronome nós. Considerando as condições de produção desses dizeres, compreendemos que surge uma representação coletiva quando a pandemia é significada em suas consequências econômicas. Então, pelo funcionamento desse discurso, podemos compreender que os prejuízos econômicos são significados como coletivos, mas o dever de trabalho (e a conseqüentemente exposição ao contágio e possível/provável morte) são significados de forma restrita a uma classe social específica.

A partir dos aspectos analisados, podemos compreender que o discurso construído em relação ao novo Coronavírus pelo sujeito enunciador evidencia uma estrutura social desigual, cujos efeitos emergem nas/pelas pistas linguísticas que destacamos para análise, reforçando a divisão de classes e a dominação de uma pela outra. A partir da materialidade discursiva, podemos analisar que a pandemia pode sim provocar consequências distintas para cada polo dessa relação dicotômica e é assim que deve funcionar. Assim, na perspectiva dessa rede de saberes, as relações de produção, estruturadas a partir de relações de desigualdade-subordinação, devem continuar seu funcionamento independentemente dos riscos sanitários, das possibilidades de morte. Dessa forma, subjaz a esse funcionamento discursivo a naturalização das desigualdades materiais que fazem com que ricos e pobres vivam a pandemia de forma bastante distinta. Uns podem cuidar e preservar a sua saúde, respeitando as medidas sanitárias (tal como o *lockdown*, também chamado de quarentena), enquanto outros devem trabalhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de temas públicos emergentes, tal como esse, entendemos que um dos vieses da função social dos profissionais da área da Linguagem e da Educação é desfazer as evidências dos diferentes objetos simbólicos, compreendendo seus sentidos, expondo o olhar leitor aos movimentos discursivos que promovem (ou agravam) a exclusão social. Devemos lembrar que ler é mergulhar numa teia discursiva invisível que se constitui por sentidos já-ditos, significados que se movimentam e circulam, retornando às palavras do sujeito com determinada carga semântica (INDURSKY, 2001).

A análise realizada neste breve exercício nos leva a compreender que, pelo funcionamento do discurso regulado pela FD dos empregadores/empresários, a proteção da própria saúde e a prevenção dos

riscos sanitários que a Covid-19 representa são significados como privilégios de classe. Assim, cumprir o isolamento social, como medida preventiva à disseminação e contaminação, é significado como uma possibilidade de resguardo da saúde viável para as classes econômicas favorecidas, não é significado como sendo possível/viável para as classes trabalhadoras que precisam trabalhar, que têm o dever de continuar a produção para que as empresas (e os próprios empresários) não sucumbam economicamente.

Então, podemos concluir que essas práticas sociais revelam as violências de diversas ordens que as classes dominantes exercem sobre as classes trabalhadoras. No contexto presente, a luta de classes se acirra quanto ao próprio direito à vida, pois essas violências limitam as possibilidades de sobrevivência em meio à crise sanitária global.

Por fim, compreendemos que as duas sequências discursivas em pauta reforçam sentidos já produzidos que promovem, além da manutenção das relações de desigualdade-subordinação, a naturalização de um sistema social excludente em que o direito à saúde não é uma realidade material que se apresenta de modo igual para todos. Sendo assim, entendemos o discurso analisado como uma forma de materialização das desigualdades sociais e de um funcionamento cínico e excludente em relação ao acesso aos direitos mínimos do cidadão, como, por exemplo, o direito à saúde no que tange ao cuidado e prevenção de doenças. Se esse funcionamento discursivo afeta o direito à saúde, minimizando a necessidade de proteção, cuidado e prevenção sanitária para a classe trabalhadora, entendemos que atinge a própria dignidade enquanto direito humano.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.

CORONAVÍRUS: Empresários minimizam pandemia e são criticados na internet. **Correio Braziliense**, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/24/interna-brasil,836326/coronavirus-empresarios-minimizam-pandemia-e-sao-criticados-internet.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2020.

DUCROT, O. **Dizer e não dizer**. Princípios de Linguística Semântica. São Paulo: Cultrix, 1977.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. (org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso** – Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. **Interpretação** - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PADIGLIONE, C. Justus explica áudio em que chama novo coronavírus de 'gripezinha'. **Folha de S.Paulo**, Telepadi, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/justus-explica-audio-seu-sobre-ressalvas-a-quarentena-pelo-coronavirus/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1988] 2009.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2008.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969].

SILVA, N. S.; SOUZA, M. J. Discurso em análise: uma reflexão sobre a luta de classes materializada no discurso acerca da pandemia da COVID-19. **Revista Porto das Letras**, Dossiê Discurso, doença, risco, v. 7, n. 2, 2021a.

SILVA, N. S.; SOUZA, M. J. Reflexões sobre a produção e a circulação de sentidos acerca da Covid-19 à luz da Análise de Discurso. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 7, n. 4, 2021b.

VINHAS, L. I. Processo de interpelação ideológica e cinismo na pesquisa em Análise do Discurso. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 2, p. 29-40, 2019.